

JOHANN HARI

# Na fissura

*Uma história do fracasso no combate às drogas*

*Tradução*

Hermano Brandes de Freiras



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Johann Hari  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Chasing the Scream: The First and Last Days of the War on Drugs

*Capa*

Daniel Trench

*Foto de capa*

MAKOVSKY ART/ Shutterstock

*Preparação*

Paula Carvalho

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Isabel Cury

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hari, Johann

Na fissura : uma história do fracasso no combate às drogas /  
Johann Hari ; tradução Hermano Brandes de Freitas. — 1ª ed. — São  
Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Chasing the Scream : The First and Last Days of  
the War on Drugs

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-3160-0

1. Crimes – Combate 2. Drogas – Controle – Estados Unidos – História 3. Política social 4. Políticas públicas 5. Tráfico de drogas – Estados Unidos – História I. Título.

---

18-18915

CDD-363.450973

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Tráfico de drogas : Combate :

Problemas sociais 363.450973

Maria Paulo C. Riyuzo – Bibliotecária – C.RB-8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para Josh, Aaron, Ben e Erin*

Nota: Os áudios das declarações dadas diretamente ao autor podem ser encontrados na íntegra em <[chasingthescream.com](http://chasingthescream.com)> — você pode escutar as vozes de todas as pessoas que falam no livro enquanto lê.

# Sumário

<i>Introdução</i> .....	9
-------------------------	---

## PARTE I: MONTE RUSHMORE

1. A Mão Negra .....	15
2. Os fracos .....	52
3. O mundo dos fortes .....	65
4. A bala na origem de tudo .....	73

## PARTE II: FANTASMAS

5. Souls of Mischief .....	91
6. O lado da polícia .....	122
7. Cogumelos .....	138

## PARTE III: ANJOS

8. Vergonha .....	143
9. O Anjo de Juárez e Bart Simpson .....	161
10. Conexão mexicana .....	181

PARTE IV: O TEMPLO

11. Experiências com animais . . . . .	197
12. Cidade terminal . . . . .	208
13. Batman estava errado . . . . .	228

PARTE V: PAZ

14. Revolta dos adictos . . . . .	253
15. Nevascas e a força . . . . .	277
16. O espírito de 74 . . . . .	312
17. Legalização da maconha no Uruguai . . . . .	340
18. Matar ou morrer . . . . .	363
19. A única desculpa . . . . .	383

Epílogo: Se você estiver só . . . . .	417
---------------------------------------	-----

<i>Uma nota sobre técnicas narrativas . . . . .</i>	<i>429</i>
---	------------

<i>Agradecimentos . . . . .</i>	<i>431</i>
---------------------------------	------------

<i>Notas . . . . .</i>	<i>435</i>
------------------------	------------

<i>Referências bibliográficas . . . . .</i>	<i>497</i>
---	------------

<i>Índice remissivo . . . . .</i>	<i>511</i>
-----------------------------------	------------

# Introdução

Quase cem anos após o início da guerra às drogas, eu me vi em meio a um dos seus campos de batalha menos importantes. Nos subúrbios do norte de Londres, uma parente minha, muito próxima, afundava novamente na cocaína, enquanto meu ex-namorado trocava um longo relacionamento com a heroína por um cachimbo de crack. Eu observava tudo com certo distanciamento, em parte porque tomava punhados de enormes pílulas brancas para tratar narcolepsia havia anos. Só que eu não sou narcoléptico. Tinha lido muito tempo antes que, caso as tomasse, poderia escrever durante semanas a fio como um maníaco, sem pausa ou descanso, e funcionou — eu andava totalmente pilhado.

Tudo isso era muito familiar para mim. Uma de minhas memórias mais antigas é a tentativa de reanimar em vão uma parente minha que, drogada, caiu no chão desacordada. Desde então, me senti estranhamente atraído por dependentes químicos e adictos em recuperação — eles são minha tribo, meu grupo, meu povo. Mas, pela primeira vez, passei a me perguntar se eu mesmo não tinha me tornado um dependente. Minhas mara-

tonas de escrita estimuladas por drogas acabavam apenas quando eu desmaiava de exaustão. E eu só conseguia acordar dias depois. Uma manhã me dei conta de que estava começando a parecer um pouco com aquela parente que eu tentara reanimar tantos anos antes.

Fui ensinado — pelo meu governo, pela minha cultura — que esse tipo de situação deve ser enfrentado com uma guerra. Todos conhecemos o roteiro: ele está entranhado em nosso subconsciente, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua. Trate os usuários de drogas e os dependentes como criminosos. Reprima-os. Envergonhe-os. Coloque-os contra a parede até que resolvam parar. Essa é a visão que predomina em quase todos os países do mundo. Por muitos anos, tenho me manifestado publicamente contra essa estratégia. Escrevi artigos de jornal e fui à televisão para falar que a política de punição e humilhação dos usuários de drogas só os torna piores — e cria vários outros problemas para a sociedade. Defendi, portanto, outra estratégia — legalizar as drogas pouco a pouco, usando a verba atualmente gasta em punir usuários para financiar tratamento humanizado.

Mas, ao mesmo tempo que observava as pessoas que amava através do meu olhar entorpecido, uma pequena parte de mim questionava se eu de fato acreditava no que defendia publicamente. As vozes na minha cabeça eram como a de um sargento em um filme sobre a Guerra do Vietnã, berrando insultos contra os recrutas. Você é um idiota por fazer isso. Isso é uma vergonha. Você é uma besta por não parar. Alguém deveria impedir que você faça isso. Você deveria ser punido.

Então, mesmo que criticasse a guerra às drogas, ela estava sendo travada dentro da minha cabeça. Não posso dizer que a disputa entre as duas partes estava bem equilibrada — meu pensamento racional sempre pendeu para uma política mais reformista —, mas o conflito interno era constante.



Por anos procurei uma maneira de me ver livre desse impasse — e, certa manhã, um pensamento me ocorreu. Nós e as pessoas que amamos são apenas pequenos borrões de uma tela muito maior. Se ficarmos concentrados somente nessas imagens menores, ou seja, se continuarmos parados onde estamos, nunca sairemos do lugar. Mas e se encontrássemos uma maneira de nos afastar para conseguir enxergar, de forma abrangente, o quadro geral?

Rabisquei algumas perguntas que me intrigavam havia anos. Por que a guerra às drogas começou e por que ela continua? Por que algumas pessoas conseguem usar drogas sem nenhum problema e outras não? O que de fato causa o vício? O que acontece quando se adota uma política radicalmente diferente? Decidi partir em uma jornada até as linhas de frente da guerra às drogas para encontrar as respostas.

Diante disso, desmontei meu apartamento, joguei na privada as pílulas que restavam e parti. Eu sabia que essa guerra havia começado nos Estados Unidos, embora ainda não soubesse quando ou como. Cheguei a Nova York com uma lista de especialistas no assunto. Hoje eu sei que foi muito bom não ter comprado uma passagem de volta. Ainda não havia percebido no primeiro dia que a viagem acabaria me levando a nove países e a percorrer 48 mil quilômetros em três anos.

Nesse percurso, cruzei com histórias que não tinha imaginado — e essas pessoas responderam às perguntas que me perseguiram havia tanto tempo. Uma transexual traficante de crack do Brooklyn que queria saber quem tinha matado sua mãe. Uma enfermeira de Ciudad Juárez perambulando pelo deserto para encontrar sua filha. Um menino tirado clandestinamente do gueto de Budapeste durante o Holocausto que, quando adulto, foi investigar as causas da dependência. Um junkie que liderou uma revolta em Vancouver. Um serial killer trancafiado em uma cela no Texas. Um médico português que levou seu país a discrimina-

lizar todas as drogas, da maconha ao crack. Um cientista de Los Angeles que administra alucinógenos em um mangusto só para ver o que acontece.

Eles — e muitos outros — foram meus professores.

Fiquei assustado com o que aprendi com eles. Muitas das nossas premissas mais básicas sobre o assunto estão erradas. As drogas não são o que pensamos. O vício em drogas não é o que nos foi ensinado. A guerra às drogas não é como os políticos a venderam há mais de cem anos. E existe uma história muito diferente por aí esperando para ser ouvida — uma história capaz de nos alimentar de fartas esperanças.

PARTE I  
MONTE RUSHMORE

# 1. A Mão Negra

Enquanto esperava em uma fila sonolenta de alfândega, sob as luzes de neon do aeroporto JFK, tentava recordar com precisão quando a guerra às drogas tinha começado. Achava que deveria ter sido na era Richard Nixon, anos 1970, quando a expressão foi difundida. Ou com Ronald Reagan, nos anos 1980, quando a campanha antidrogas “Just Say No” [Apenas diga não, em tradução livre] pareceu ter se tornado um segundo hino nacional.

Quando comecei a circular pela cidade de Nova York entrevistando especialistas em política de drogas, percebi que a história era mais antiga. Descobri que o juramento de travar uma “guerra implacável” contra as drogas foi proferido pela primeira vez nos anos 1930, por um homem quase esquecido hoje — ainda que ele tenha sido uma das figuras-chave para criar o mundo hostil aos narcóticos no qual vivemos. Descobri que havia um extenso arquivo com seus papéis na Penn State University — diários, cartas e outros documentos —, assim fui até lá de ônibus para ler tudo o que pude encontrar sobre Harry Anslinger. Só então entendi quem ele foi realmente — e o que significa para todos nós.

Através daqueles arquivos descobri que, nos primórdios da guerra às drogas, havia três pessoas que podem ser consideradas suas figuras fundadoras: se houvesse um monte Rushmore\* da proibição às drogas, seus rostos, com expressões impassíveis, estariam esculpidos sobre a rocha da montanha, erodindo devagar. Pesquisei sobre essas pessoas em muitos outros arquivos e conversei com quem ainda se lembrava delas. Hoje, três anos mais tarde, depois de tudo o que aprendi, imagino-as quando crianças, espalhadas pelos Estados Unidos sem saber como os primeiros sinais da guerra às drogas, que começava a surgir, impactariam a vida deles. É aí, me parece, que a história começa.

Em 1904, um garoto de doze anos foi visitar o casarão da fazenda do seu vizinho, em meio às plantações de milho do oeste da Pensilvânia, quando escutou um grito. O som desesperado, doído, que vinha de algum lugar acima dele, deixou-o confuso. O que estava acontecendo? Por que uma mulher adulta gritaria como um animal?

O marido dela correu escada abaixo e deu as seguintes instruções ao menino: pegue a carroça e vá até a cidade o mais rápido que puder. Pegue um pacote na farmácia. Traga-o aqui. Faça isso agora.

O garoto chicoteou os cavalos sem piedade, porque estava certo de que, se fracassasse, ela morreria. Assim que retornou com o pacote, o fazendeiro tomou-o das suas mãos e correu até a mulher. Ela se acalmou, e o gritos pararam. Mas o garoto nunca mais ficaria tranqüilo.

\* Monumento em Keystone, na Dakota do Sul, de rocha esculpida em homenagem a quatro presidentes norte-americanos: George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln. (N. T.)

“Nunca esqueci aqueles gritos”, ele escreveu anos depois. Daquele momento em diante, estava convencido de que certas pessoas podiam até parecer normais, mas, a qualquer momento, poderiam se tornar “emotivas, histéricas, degeneradas, doentias e deficientes mentais” se tivessem contato com o grande agente perturbador: as drogas.

Ao crescer, aquele garoto exploraria os temores mais profundos da cultura norte-americana — das minorias raciais, da intoxicação, da perda de controle —, canalizando-os para uma guerra mundial contra aqueles gritos. Em resposta, muitos outros gritos seriam provocados. Hoje, eles podem ser ouvidos em quase qualquer cidade do mundo.

Foi assim que Harry Anslinger entrou na guerra contra as drogas.

Alguns anos antes, no Upper East Side de Manhattan, um rico comerciante judeu ortodoxo viu uma cena que não conseguiu compreender. Seu filho de três anos segurava uma faca sobre o irmão mais velho, pronto para esfaqueá-lo enquanto o outro dormia. “Por quê, meu filho, por quê?”, perguntou o comerciante. O garotinho respondeu que odiava o irmão.

Ele odiaria um bocado de gente ao longo da vida — quase todo mundo. Mais tarde declararia que “a maior parte da espécie humana era composta de picaretas e paspalhões que fazem escolhas podres e não têm cérebro”. Ele enfiaria a faca em muitas pessoas, assim que se tornasse rico e poderoso o suficiente a ponto de pagar a outros para fazer esse trabalho por ele. Normalmente, um homem com uma personalidade dessas acabaria preso, mas esse não foi o destino daquele garotinho. A ele foi confiada uma indústria na qual sua capacidade de ser violento seria não apenas recompensada como também considerada essencial para os ne-

gócios, voltados para o incipiente mercado de drogas ilegais na América do Norte. Quando ele finalmente foi morto — depois de orquestrar inúmeros assassinatos e acumular milhões de dólares —, ainda era um homem livre.

Foi assim que Arnold Rothstein entrou na guerra contra as drogas.

Em uma outra tarde dos anos 1920, uma menina de seis anos escutava discos de jazz deitada no chão de um bordel em Baltimore. Sua mãe tinha a convicção de que esse tipo de música era obra do diabo e não a deixava ouvir em casa, então ela se ofereceu para fazer pequenos serviços de limpeza para a cafetina local com a condição de que, em vez de receber dinheiro como as outras crianças, pudesse ouvir jazz sozinha durante horas naquele quarto. Aquilo provocava nela um sentimento tão indescritível que resolveu que, um dia, causaria o mesmo nos outros.

Mesmo depois de ser estuprada, prostituída e de usar heroína para aliviar a dor que sentia, a música ainda estaria ali esperando por ela.

Foi assim que Billie Holiday entrou na guerra contra as drogas.

Quando Harry e Arnold e Billie nasceram, as drogas eram vendidas livremente em todo o mundo. Você podia ir a qualquer farmácia dos Estados Unidos e comprar produtos feitos com os mesmos ingredientes da cocaína e da heroína. Os xaropes mais populares para combater a tosse no país continham derivados do ópio; um refrigerante novo chamado Coca-Cola era feito da mesma planta que a cocaína em pó; na Grã-Bretanha, as lojas de departamento mais exclusivas vendiam latinhas com heroína para as mulheres da alta sociedade.

Mas eles cresceram numa época em que a cultura norte-americana estava procurando uma forma de extravasar um pouco a sensação de ansiedade que só se intensificava. Buscava-se um objeto físico e real que pudesse ser destruído, na esperança de acabar com o medo diante de um mundo que se transformava rápido demais. As substâncias químicas foram escolhidas para ser esse objeto a ser perseguido. Essa decisão foi tomada em 1914. Vamos destruir as drogas. Varrê-las da face da Terra. Vamos livrar o mundo desse mal.

Quando essa decisão foi tomada, Harry, Arnold e Billie vieram-se no meio do primeiro campo de batalha e foram obrigados a participar do combate.

Billie Holiday subia ao palco com o cabelo preso com firmeza para trás, seu rosto era redondo e brilhante sob os holofotes, e sua voz se embalava pela dor. Foi em uma dessas noites, em 1939, que ela começou a cantar uma música que se tornaria lendária:

*Southern trees bear a strange fruit,  
Blood on the leaves and blood on the root.\**

Antes disso, mulheres negras — com raras exceções — só podiam subir ao palco para interpretar caricaturas sorridentes, ocultando qualquer sentimento real. Mas ali, naquele momento, ela era Lady Day, uma mulher negra expressando consternação e fúria pelo assassinato em massa dos seus irmãos no Sul, com seus corpos linchados pendurados em árvores.

“Foi extremamente corajoso, quando refletimos sobre isso”, me disse sua afilhada, Lorraine Feather. Naquela época, “todas as

\* As árvores do Sul carregam um fruto estranho/ Sangue nas folhas e sangue na raiz. (N. T.)



canções falavam de amor. Em hotéis não se cantavam músicas que falassem de matança de pessoas — que falassem de algo tão cruel e sórdido. Isso nunca acontecia”. Uma canção sobre linchamento, ainda por cima proferida pela voz de uma afro-americana? Mas Billie a compôs porque ela “parecia falar sobre todas as coisas que causaram a morte” do seu pai, Clarence, no Sul.

O público escutou, quieto. Muitos anos depois, esse momento seria considerado o “início do movimento pelos direitos civis”. Lady Day recebeu ordens das autoridades para parar de cantar essa música. Ela se negou a cumpri-las.

Começou a ser perseguida pelo Departamento Federal de Narcóticos de Harry no dia seguinte. Não demoraria para que isso tivesse um papel crucial na sua morte.

Desde seu primeiro dia no gabinete, Harry Anslinger tinha um problema, e todo mundo sabia. Ele havia acabado de ser designado diretor do Departamento Federal de Narcóticos — uma pequena seção enterrada nas entranhas do Departamento do Tesouro em Washington —, que parecia prestes a ser extinto. Era o antigo Departamento de Proibição, mas o álcool fora novamente legalizado e seus homens precisavam de uma nova função, rápido. Quando examinou a nova equipe, apenas alguns anos antes de começar sua perseguição a Billie, o que viu foi um exército derrotado que havia desperdiçado catorze anos em uma guerra contra o álcool só para ver o inimigo ganhar no final. Esses homens eram corruptos notórios, mas Harry estava incumbido de limpar a equipe e torná-la uma força-tarefa capaz de acabar com as drogas nos Estados Unidos.

Era apenas o primeiro obstáculo. Muitas drogas, incluindo a maconha, ainda eram legalizadas. A Suprema Corte decidira, na época, que os dependentes de substâncias mais pesadas não eram

de responsabilidade da polícia e deveriam receber tratamento médico. Mas, pouco antes de Harry assumir o cargo, o orçamento do departamento teve um corte de 700 mil dólares. Qual era o sentido daquilo tudo? Parecia que a qualquer momento seu trabalho de combate às drogas daria lugar à burocracia.

Em poucos anos, o estresse de tentar manter seu império proibicionista e de criar uma função para si mesmo faria com que todo o cabelo de Harry caísse, deixando-o parecido com um pôster antigo de um lutador.

A estratégia de Harry para reagir à ideia de que ele não tinha tanta importância era sempre apostar mais alto. Afirmou que erradicaria todas as drogas, em todos os lugares, e, em trinta anos, conseguiu transformar um departamento falido, ocupado por homens derrotados, no quartel-general de uma guerra global às drogas que já dura cem anos e não dá sinais de acabar tão cedo. Ele teve sucesso porque era um gênio da burocracia — e, ainda mais importante, porque havia uma tensão crescente na cultura norte-americana, que estava esperando por alguém como ele, com uma resposta categórica para as questões ligadas às substâncias químicas.

Desde aquele dia, na fazenda do seu vizinho, Harry sabia que queria liderar a cruzada para banir as drogas do mundo — mas, diante de suas origens, ninguém imaginara que ele conseguiria fazer isso, muito menos com tamanha rapidez. Seu pai, um cabeleireiro suíço, fugiu das montanhas para evitar o serviço militar e acabou na Pensilvânia, onde teve nove filhos. Ele não tinha como pagar pela educação de todos, então o oitavo, Harry, foi forçado a trabalhar na ferrovia aos catorze anos. Ele era um menino determinado, que insistia em ganhar seu dinheiro durante o período da tarde e da noite para conseguir estudar de manhã.

Mas o trabalho foi a verdadeira escola de Harry. Construindo as linhas férreas do estado da Pensilvânia, teve o primeiro con-

tato com algo sombrio e proibido — e que se tornaria sua segunda obsessão. Ele tinha a tarefa de supervisionar um grande número de imigrantes sicilianos recém-chegados. Às vezes, escreveu, escutava-os sussurrando pelos cantos sobre algo que chamavam de “Mão Negra”.

Harry registrava o que ouvia seguindo o estilo dos livros de suspense baratos dos quais era fã. Não se falava sobre o assunto na frente de estranhos. Nem na frente da família, a menos que fosse obrigado. Mas ela podia, de uma hora para outra, acabar com você. O que era essa Mão Negra? Ninguém sabia responder.

Numa manhã, Harry encontrou um dos seus subordinados — um italiano chamado Giovanni — sangrando em uma vala. Havia levado vários tiros. Quando ele acordou no hospital, Harry estava lá, esperando para ouvir o que tinha acontecido, mas o operário estava aterrorizado demais para falar. Anslinger passou horas assegurando-lhe que garantiria a segurança dele e da família.

Finalmente, Giovanni abriu a boca. Contou que estava sendo forçado a pagar uma quantia em troca de proteção a um homem chamado “Big Mouth Sam” [Sam Bocudo, em tradução livre], um dos capangas que integravam um grupo chamado Máfia, que desembarcara nos Estados Unidos vindo da Sicília e se escondia no meio dos imigrantes italianos. A Máfia, Giovanni contou, estava envolvida em todos os tipos de crimes, e os trabalhadores da ferrovia eram obrigados a pagar um “imposto do terror” — se não dessem dinheiro à Máfia, acabariam no hospital como ele, ou coisa ainda pior poderia acontecer.

Anslinger foi confrontar Big Mouth Sam, um imigrante “corpulento e moreno”, dizendo: “Se o Giovanni morrer, vou cuidar pra que você seja enforcado. Entendeu?”. Big Mouth tentou responder, mas Harry continuou: “Se ele ficar bom e você o incomodar de novo, ou a qualquer um dos meus homens, ou tentar espancar um deles de novo, mato você com minhas próprias mãos”.

Anslinger ficou obcecado pela Máfia em uma época em que a maioria dos norte-americanos duvidava da sua existência. Hoje, para nós, é difícil acreditar nisso, mas a posição oficial das autoridades norte-americanas até os anos 1960 — desde J. Edgar Hoover até o último degrau da hierarquia — era de que a Máfia não passava de uma teoria da conspiração absurda, tão fantasiosa quanto o Monstro do Lago Ness. Reagiam como nós reagimos quando alguém defende teorias conspiratórias sobre o Onze de Setembro ou sobre uma sociedade secreta que manipula os grandes acontecimentos mundiais, ou seja, como se fosse um absurdo.

Mas Harry tinha visto com os próprios olhos o que a Máfia podia fazer e estava convencido de que se seguisse os passos de Big Mouth Sam até os bandidos acima dele, rastreando os chefes, conseguiria desmascarar uma vasta rede global, talvez até mesmo um suposto “governo secreto mundial”, que controlava tudo o que acontecia. Logo, começou a guardar toda informação que encontrava sobre a Máfia, não importando se fosse pequena ou trivial. Recortava breves reportagens de revistas baratas e as guardava. Um dia, pensava, acabaria usando aquelas informações.

Assim que a Primeira Guerra Mundial começou, Harry tentou se alistar nas Forças Armadas, mas era cego de um olho — seu irmão tinha acertado uma pedra no seu rosto anos antes — e, por isso, foi rejeitado. Como era fluente em alemão, foi oferecida a ele uma vaga como agente diplomático na Europa. Assim, foi de navio para Londres, em meio a uma neblina cerrada que tornava as ilhas britânicas invisíveis. De lá, embarcou para Hamburgo e, depois, para Haia, onde seu trabalho era investigar informações sobre os diplomatas locais e cuidar dos cidadãos norte-americanos que estavam em apuros. Muitos marinheiros desempregados foram levados a ele para serem encaminhados de volta para casa, porque tinham se viciado em heroína. Harry olhava para suas fa-

ces esquiladas e percebia que a raiva que sentira quando era menino só crescia. Prometeu acabar com aquilo.

Bem no final da guerra, quando ficou evidente para todos que os alemães tinham perdido, Harry foi enviado para sua missão mais importante até ali: levar uma mensagem secreta para o governante alemão derrotado. Conforme contou a história mais tarde, Harry foi mandado à pequena cidade holandesa de Amerongen, onde o Kaiser estava escondido em um castelo, com planos de abdicar. Anslinger devia fingir ser um oficial alemão para levar a seguinte mensagem do presidente Woodrow Wilson: “Não renuncie”. Os Estados Unidos queriam mantê-lo no trono para impedir — como se temia — que houvesse espaço para “revolução, baderna e caos” caso ele renunciasse.

Os guardas holandeses posicionados no portão do castelo pediram que Harry mostrasse suas credenciais. “Mostrem vocês as suas”, ele respondeu, com seu alemão feroz. Amedrontados e pensando se tratar de um integrante da escolta do Kaiser, deixaram-no passar.

Anslinger conseguiu levar a mensagem — mas era tarde demais. A decisão havia sido tomada. O Kaiser renunciou. Pelo resto da vida, acreditaria que, se tivesse levado o pedido do presidente um pouco antes, “um acordo de paz decente poderia ter sido firmado, impedindo a chance de Hitler chegar ao poder no futuro, evitando a eclosão da Segunda Guerra Mundial”. Foi a primeira vez — mas não a última — que Harry sentiu que o futuro da civilização dependia de suas ações.

Ele viajou por uma Europa em ruínas. “A visão de uma cidade grande reduzida a escombros, sem uma casa em pé, provoca um sentimento que é difícil descrever”, anotou em seu diário. Pontes bombardeadas viraram destroços. As fábricas haviam sido completamente destruídas ou então saqueadas, com seus maquinários jogados nas estradas, retorcidos e inutilizados como fan-

tasmas de metal de tempos idos. Havia enormes crateras de bombas e uma quantidade interminável de cercas de arame farpado. Não importa como você tenha imaginado essa cena, “multiplique-a por vinte”, escreveu.

No entanto, o que mais chocou Harry não foi o efeito da guerra nas construções, mas nas pessoas. Pareciam ter perdido por completo a noção de ordem. Famintas, passaram a se rebelar. A cavalaria tinha sido chamada para investir contra elas, e as ruas estavam em chamas. Harry estava no saguão de um hotel em Berlim quando revolucionários socialistas subitamente dispararam suas metralhadoras contra as pessoas — o sangue de uma delas espirrou nas mãos dele. A civilização, concluiu ele, era tão frágil quanto a esposa daquele fazendeiro em Altoona. Poderia ruir. Depois disso, e pelo resto da vida, Harry manteve a percepção de que a sociedade norte-americana poderia desmoronar tão de repente quanto a europeia.

Em 1926, foi transferido da Europa destruída para a paradisíaca ilha das Bahamas, mas Harry não estava em busca de uma vida mais tranquila. Era o auge da proibição das bebidas alcoólicas: os norte-americanos queriam beber e os contrabandistas desejavam vender a mercadoria, por isso, o uísque saía aos montes da ilha. Harry estava furioso. Os traficantes eram originários das ilhas do Caribe e da América Central, e ele acreditava que estavam cheios de “doenças contagiosas horripilantes” e que quem consumisse a bebida deles seria contaminado.

“É só me dar um rifle de grosso calibre. Eu acabo com eles”, disse um dos colegas de Harry. Nesse espírito, ele anunciou aos seus superiores que havia uma forma de fazer com que a proibição funcionasse: usando a força máxima. Mandando a Marinha para caçar os traficantes ao longo da costa norte-americana. Banindo a venda de álcool para uso medicinal. Aumentando sentenças de prisão para quem contrabandeasse, até que todos esti-

vessem presos. Travar uma guerra contra o álcool até que ele sumisse do mapa.

Em apenas alguns anos, Harry passou de um frustrado agente proibicionista nas Bahamas a diretor de um departamento em Washington. Como ele conseguiu? É difícil dizer, mas deve ter ajudado o fato de ter se casado com uma jovem chamada Martha Denniston, de uma das mais famílias ricas do país, os Mellon. O então secretário do Tesouro, Andrew Mellon, era agora um parente próximo — e o departamento responsável pela proibição estava subordinado a essa secretaria.

Desde o momento em que assumiu o cargo, Harry estava ciente da fragilidade da sua nova posição. Uma guerra apenas contra os narcóticos — a cocaína e a heroína, que haviam sido proibidas em 1914 — não seria suficiente. Elas eram usadas somente por uma pequena minoria, o que não justificava a existência de um órgão inteiro para controlar um grupo tão inexpressivo. Ele precisava de mais.

Com isso em mente, começou a ver nos jornais reportagens que o intrigaram. As manchetes eram como a de 6 de julho de 1927, no *New York Times*: FAMÍLIA MEXICANA ENLOUQUECE. A explicação: “Uma viúva e seus quatro filhos enlouqueceram depois de comer uma planta de maconha, segundo os médicos, que dizem não ser possível salvar a vida das crianças e que a mãe ficará louca pelo resto da vida”. A mulher não tinha dinheiro para comprar comida, então decidiu comer as plantas de maconha que cresciam no jardim. Logo em seguida, “os vizinhos, ouvindo os acessos de risadas malucas, invadiram a casa e encontraram a família inteira em surto”.

Havia muito tempo Harry considerava a maconha um estorvo que apenas o distrairia de combater as drogas que impor-

tavam de verdade. Achava que a planta não viciava e declarou que “não havia falácia mais absurda” que considerá-la a causa de crimes violentos.

Mas, de uma hora para outra, começou a defender o contrário. Por quê? Ele acreditava que os dois grupos mais temidos dos Estados Unidos — os imigrantes mexicanos e os afro-americanos — estavam usando essa droga muito mais do que os brancos, e apresentou à Comissão Orçamentária da Câmara uma hipótese assombrosa de onde isso poderia dar. Ele disse ter sido informado de que “estudantes de cor da Universidade de Minn[esota] estavam confraternizando com estudantes mulheres (brancas) e ganhando a simpatia delas com histórias de perseguição racial. Resultado: gravidez”. Esse foi o primeiro sinal do que estava por vir.

Escreveu depois para trinta especialistas perguntando uma série de coisas sobre a maconha. Desses, 29 responderam que seria um erro banir a erva e que ela estava sendo deturpada pela imprensa. Anslinger decidiu ignorá-los, citando o único especialista a acreditar que ela era um grande mal a ser erradicado.

Com esse fundamento, Harry advertiu o público sobre o que acontece quando se fuma um baseado. Primeiro, você experimenta uma “raiva delirante”. Depois, será envolvido por “sonhos... de natureza erótica”. E, daí, você “perde toda a capacidade de articular pensamentos”. Finalmente, chegará ao fim da linha: “insanidade”. Você poderia ficar chapado com facilidade, sair e matar uma pessoa, e tudo aconteceria sem você perceber que saiu do quarto, porque a maconha “transforma as pessoas em animais selvagens”, disse ele. De fato, “se o horrível monstro do Frankenstein ficasse frente a frente com o monstro da marijuana, cairia morto de medo”.

Um médico chamado Michael V. Ball entrou em contato com Harry para contradizê-lo, dizendo ter usado o extrato de cânhamo quando era estudante de medicina e que seu consumo só



o fazia se sentir sonolento. Suspeitava que as alegações que circulavam sobre a droga poderiam não ser verdadeiras. Talvez, ele disse, a maconha pudesse deixar as pessoas loucas em um pequeno número de casos, mas isso aconteceria se a pessoa já tivesse algum tipo de problema mental latente. Ele implorou que Anslinger financiasse estudos laboratoriais para descobrir a verdade.

A resposta foi escrita com firmeza. “O mal da maconha não pode ser mais temporizado”, Anslinger explicou, e ainda disse que nunca financiaria uma pesquisa científica independente.

Por anos, médicos continuaram a abordá-lo com provas de que ele estava errado. Diante disso, Anslinger começou a ficar enfiado e avisou aos médicos que estavam “pisando onde não deviam” e que deveriam pensar melhor antes de falar. Em vez disso, escreveu para policiais de todo o país mandando que achassem casos em que a maconha provocara assassinatos — e as histórias começaram a aparecer.

O caso que definiu os rumos dessa discussão para Harry e para o país foi o de um jovem chamado Victor Licata, da Flórida. Ele tinha 21 anos e era conhecido em seu bairro por ser “normal e quietinho”, até que, segundo a história, fumou maconha. Ele entrou em um “sonho emacanhado” no qual estava sendo perseguido por homens que queriam cortar seus braços e, por isso, reagiu pegando um machado e cortando em pedaços a mãe, o pai, os dois irmãos e a irmã.

Comandada por Harry, a imprensa tornou famosa a história de Licata. As pessoas passaram a acreditar que também poderiam ser feitas em pedaços se seus filhos fumassem maconha. Anslinger não foi o criador desse medo — que já era bem disseminado no México desde o final do século XIX, pois se acreditava que a maconha deixava as pessoas *locas*. Muito menos era o único responsável por fazer esse temor penetrar nos Estados Unidos — a imprensa amava essas histórias, em especial a mídia de massa de

William Randolph Hearst. Mas era a primeira vez que os veículos de comunicação tinham o aval do governo federal para transmitir isso para o país inteiro, a todo o volume, atestando a veracidade das informações. Alertava-se que, por trás da fumaça de um baseado, havia Victor Licatas em todos os lugares.

Os avisos funcionaram. As pessoas começaram a reivindicar que o Departamento de Narcóticos recebesse mais dinheiro para salvá-las daquela ameaça terrível. O problema de Harry — a fragilidade do seu novo império — começava a ser resolvido.

Muitos anos depois, o professor de direito John Kaplan analisou o histórico médico de Victor Licata. Os psiquiatras que o examinaram disseram que ele sofria de loucura “aguda e crônica” havia muito tempo. A família dele apresentava problemas similares de saúde mental, sendo que três parentes tinham sido internados em hospícios. A polícia local tentara por anos conduzir Licata a um hospital psiquiátrico, mas seus pais insistiram em cuidar dele em casa. Para os psiquiatras, sua experiência com maconha era tão irrelevante que nem foi mencionada nos registros médicos.

Mas Anslinger agora tinha construído outra história. Em um famoso discurso de rádio, ele anunciou: “Cuidado, pais! Seus filhos estão sendo levados a um novo perigo, que vem na forma de um cigarro de droga, a maconha. Os jovens são escravos desse narcótico, prosseguindo no vício até que fiquem deteriorados mentalmente, se tornem malucos e cometam crimes violentos e assassinatos”.

Harry se apegou a essa história — em parte porque, em meio à onda de ceticismo diante da afirmação de que a maconha deixava as pessoas loucas, descobriu algo incrível. Todo mundo havia ridicularizado sua crença na Máfia. Onde estão as provas?, questionavam sempre. Mas agora, através de seus agentes, Anslinger mostrava que a Máfia não apenas existia como também era maior

do que qualquer um tinha imaginado. Ele passou a organizar num caderno os nomes e as informações de oitocentos mafiosos que atuavam na parte continental dos Estados Unidos. As batidas que ordenava provavam que estava certo, mas as autoridades ainda se recusavam a acreditar nele. Alguns faziam vista grossa porque eram corruptos; uma parte não queria que seu alto nível de desempenho nas forças policiais fosse manchado ao assumir uma missão tão complexa; outros tinham medo. O chefe da polícia de New Orleans, David Hennessy, acabou morto quando se aprofundou demais em suas investigações sobre a Máfia.

Anslinger começou a acreditar que seus palpites provariam isso. Ele precisava apenas derrotar os “especialistas” e seguir seu instinto, até finalmente mostrar que suas suspeitas estavam corretas.

Ele deu gás à campanha. Harry alertou que o efeito mais assustador da maconha era causado nos negros. Fazia com que esquecessem das diferenças raciais, deixando aflorar neles o desejo por mulheres brancas. Claro que todo mundo falava sobre raça de maneira diferente nos anos 1930, mas a intensidade de Harry era chocante até para a época. Quando se soube que ele chamou um suspeito de *nigger* em um documento oficial, o senador Joseph P. Guffey — que representava o estado da Pensilvânia, onde Anslinger nasceu — exigiu sua renúncia. Mais tarde, um dos seus únicos agentes negros, William B. Davis, reclamou ser chamado de *nigger* por um dos homens de Harry, então Anslinger o demitiu.

Harry logo começaria a tratar dessa forma todos os que o criticavam. Quando a Associação Médica Norte-Americana emitiu um relatório desautorizando algumas de suas crenças, ele declarou que qualquer um dos seus homens que fosse pego com uma cópia do documento seria demitido imediatamente. Depois, ao descobrir que um professor chamado Alfred Lindesmith defendia que os dependentes fossem tratados com compaixão e cuidado, Harry instruiu seus subordinados a procurar a universida-

de onde trabalhava e acusá-lo falsamente de estar associado a uma “organização criminosa”; além disso, ele foi grampeado e recebeu ameaças para que ficasse com a boca calada. Harry não podia controlar a circulação das drogas, mas descobriu o poder de controlar a disseminação de ideias. E os cientistas não foram os únicos que ele tentou silenciar.

Fica claro pelos escritos de Harry que ele era obcecado por Billie Holiday, e senti que havia algo mais profundo aí. Então ras-treei todo mundo que ainda estava vivo e que conheceu Billie para investigar isso. Uma dessas pessoas — o afilhado da cantora, Bevan Dufty — me explicou que sua mãe tinha sido a melhor amiga de Billie e que ele acreditava que a cantora havia mesmo sido morta pelas autoridades. Bevan ainda mantinha alguns dos escritos de Billie em seu sótão, onde ficaram guardados por anos. Ele me perguntou se eu gostaria de lê-los. Quando os confrontei com os arquivos de Harry, com o que os amigos dela me contaram e com o que li nas suas biografias, comecei a ver a história com mais clareza.

O jazz era o oposto de tudo aquilo em que Harry Anslinger acreditava. É improvisado, relaxado, sem formato definido. Segue seu próprio ritmo. O pior é que tem uma origem mestiça, com influências europeias, caribenhas e africanas que se misturaram ao chegar aos Estados Unidos. Para Anslinger, era uma anarquia musical — a prova da recorrência dos impulsos primitivos que se escondem dentro dos negros esperando para emergir. “Soava”, segundo se lê em seus memorandos internos, “como as florestas na calada da noite.” Outro documento alertava que “os ritos incrivelmente antigos das Índias Orientais ressurgiram” com essa

música dos negros. A vida dos músicos de jazz “fede de imundícies”, disse ele.

Seus agentes relataram que “muitos jazzistas acreditam estar tocando de forma tão magnífica quando estão sob a influência da maconha, mas, na verdade, estão confusos e tocando muito mal”.

O departamento acreditava que a maconha retardava muito a percepção do tempo, e por isso o jazz soava tão estranho — os músicos estariam literalmente vivendo em um ritmo diferente e não humano. “A música tem seus encantos”, ele dizia nos memorandos, “mas não essa música.” Harry via no jazz uma prova a mais de que a maconha deixava as pessoas loucas. Por exemplo, a música “That Funny Reefer Man” contém o verso “*If he said he walks the ocean, any time he takes the notion*” [Se ele disse que consegue caminhar pelo oceano, todas as vezes que sente vontade]. Os agentes de Harry advertiam: “É o que ele realmente acha”.

Anslinger observava o ambiente formado por nomes como Charlie Parker, Louis Armstrong e Thelonious Monk, e — como o jornalista Larry Sloman registrou — ansiava por colocá-los atrás das grades. Ele ordenou que todos os seus agentes os seguissem, instruindo: “Por favor, reúnam todos os casos envolvendo músicos que violaram as leis da maconha em suas jurisdições. Faremos uma grande operação nacional para prendê-los em um único dia. Avisarei quando isso acontecerá”. O conselho que dava aos seus homens nas batidas de repressão às drogas era sempre atirar primeiro.

Ele garantiu aos congressistas que a repressão não afetaria “os bons músicos, apenas os sujeitos do jazz”. Mas, quando Harry os atacou, o mundo do jazz usou a arma que os salvou: a solidariedade absoluta. Os homens de Anslinger não encontraram quase nenhum deles disposto a denunciar o colega. Sempre que algum era preso, todos os outros se uniam para pagar a fiança.

No final, o Departamento do Tesouro disse a Anslinger que ele estava perdendo tempo com uma comunidade que não se fragmentaria, então ele resolveu se concentrar em um alvo único — que talvez tenha sido a maior cantora de jazz de todos os tempos.

Billie Holiday nasceu alguns meses depois do Harrison Act, a primeira lei a banir a cocaína e a heroína, e isso marcaria fortemente a sua vida. Pouco depois do nascimento de Billie, sua mãe, Sadie, aos dezenove anos, passou a se prostituir, e seu pai, um jovem de dezessete anos, desapareceu. Ele mais tarde morreu de pneumonia no Sul, pois não encontrou um hospital que atendesse um negro.

Billie acabou nas ruas de Baltimore, sozinha e determinada. A favela onde morava era conhecida como Pigtown, e muitas pessoas viviam em barracos. Todos os dias, Billie lavava e limpava sua bisavó, enquanto ouvia suas histórias de infância sobre ter sido escrava em uma propriedade rural na Virgínia.

Billie logo aprendeu que havia muitos lugares aonde não poderia ir porque era negra. Uma lanchonete que vendia cachorro-quente a deixava entrar somente se ninguém estivesse olhando, mas a escorraçava se fosse vista tentando comer lá. Ela sabia que aquilo era errado e tinha que mudar; por isso, fez uma promessa: “Um dia simplesmente decidi que não faria nem diria nada a menos que fosse verdadeiro. Sem ‘por favor, senhor’. Nem um ‘obrigada, senhora’. Nada. A menos que fosse de coração. É preciso ser negro e pobre para saber quantas vezes você vai levar na cabeça por tentar fazer algo tão simples”. Esta promessa definiria sua vida — e sua atitude para com Harry.

Quando tinha dez anos, um dos seus vizinhos — um quarentão chamado Wilbert Rich — apareceu e explicou que fora enviado por sua mãe para levar Billie até ela. Ele a levou para uma casa

e mandou que esperasse. Ela sentou e esperou, mas sua mãe não apareceu. A noite caiu, e Billie disse que estava com sono. O homem ofereceu uma cama. Quando ela se deitou, ele a imobilizou e a estuprou.

Ela gritou e arranhou Wilbert, pedindo socorro, e alguém deve ter ouvido, porque a polícia chegou. Quando invadiram a casa, julgaram que Billie era uma prostituta e tinha enganado aquele homem. Ela ficou trancada em uma cela por dois dias. Meses depois, Wilbert Rich recebeu uma sentença de três meses de prisão, e Billie foi condenada a passar um ano em um reformatório.

As freiras que dirigiam o centro de detenção olharam para aquela criança e concluíram que ela era má e precisava ser disciplinada a pauladas. Billie resistia a qualquer tentativa de controle, então decidiram que precisavam “dar uma lição” nela. Elas a levaram para um recinto que não tinha nada, exceto o corpo de um defunto, bateram a porta e a trancaram ali por uma noite inteira. Billie esmurrou as portas até suas mãos sangrarem, mas ninguém veio.

Quando escapou — do convento e da cidade de Baltimore —, estava determinada a encontrar a mãe, que estaria no Harlem. Ao desembarcar do ônibus em meio a um inverno congelante, foi parar no último endereço que tinha e descobriu que era um bordel. Sua mãe trabalhava no lugar por uma ninharia e não podia sustentá-la. Billie foi posta na rua e passou tanta fome que não conseguia nem respirar sem sentir dor. Havia apenas uma saída. Uma cafetina propôs a ela que ficasse com 50% da quantia cobrada ao fazer sexo com estranhos. Billie Holiday tinha catorze anos.

Em pouco tempo, ela tinha seu próprio cafetão. Ele, que se chamava Louis McKay, era violento e desbocado, batia nela até sangrar e quebrou suas costelas. Anos depois, ele conheceria Harry Anslinger e colaboraria com ele. A certa altura, a mãe de Billie a encorajou a se casar com Louis, porque era um “homem muito bom”.

Billie foi pega pela polícia se prostituindo e, novamente, em vez de ser resgatada da exploração sexual, acabou punida: foi levada detida até a Welfare Island.\* Assim que saiu, começou a usar substâncias químicas bem mais pesadas. No começo, sua preferida era o White Lightning, uma mistura tóxica que continha álcool 70%. Conforme o tempo passava, começou a experimentar outras drogas para anular sua dor. Uma noite, um rapaz branco de Dallas chamado Specks ensinou a ela como usar heroína. Era só esquentar com uma colher e injetar direto na veia. Quando Billie não estava bêbada ou chapada, afundava na depressão e era tão tímida que mal conseguia falar. Ainda acordava à noite gritando, lembrando-se do estupro e da prisão. “Adquiri um hábito e sei que ele não é bom”, ela contou a um amigo, “mas é uma coisa que me faz saber que há uma pessoa chamada Billie Holiday. E eu sou Billie Holiday.”

Mas, então, se deu conta de outra coisa. Um dia, faminta, caminhou por algumas quadras do Harlem perguntando em vários botecos se havia algum trabalho para ela. Todos a rejeitaram. Finalmente, chegou a um bar chamado Log Cabin e explicou que poderia trabalhar como dançarina, mas deu alguns passos e ficou óbvio que não era boa o bastante. Desesperada, disse ao dono que talvez pudesse cantar. Ele apontou para um velho tocando um piano no canto e pediu que o acompanhasse. Enquanto ela interpretava “Trav’lin’ All Alone”, os clientes colocaram os copos sobre as mesas e ouviram. Quando terminou a música seguinte, “Body and Soul”, as lágrimas escorriam em seus rostos.

Ela era suave ao cantar e firme na vida. Em uma comemoração de Ano-Novo, um marinheiro viu que no bar estavam servindo bebida para ela e perguntou: “Quando começaram a servir

\* Ao contrário do Brasil, onde se pune só a facilitação, nos Estados Unidos a própria prostituição é crime. (N. T.)



crioulas vadias?”. Ela enfiou uma garrafa no seu rosto. Em uma ocasião, em outro bar, um grupo de soldados e marinheiros apagou vários cigarros no seu casaco de pele. Ela deu o casaco para alguém segurar, pegou um cinzeiro em forma de diamante e partiu para a briga.

Quando se tratava dos homens que passavam por sua vida, porém, o impulso de se defender não era o mesmo. Louis McKay, promovido de cafetão a “empresário” e marido, roubou quase todo o seu dinheiro. Depois de sua maior performance no Carnegie Hall, ele bateu tão forte em seu rosto que ela saiu voando. A história de Billie estava prestes a se chocar com a de Harry Anslinger. Ele estava observando cada passo que ela dava.

Harry sabia dos boatos que diziam que essa cantora negra em ascensão usava heroína, então colocou um agente chamado Jimmy Fletcher para segui-la. Harry odiava contratar negros, mas se mandasse um cara branco para o Harlem ou para Baltimore, daria muito na vista. Jimmy Fletcher era perfeito. O seu trabalho era enquadrar negros como ele, enquanto Anslinger insistia que nenhum negro em seu departamento seria chefe de um branco. Jimmy podia passar pela porta, mas jamais poderia subir na escala. Ele era um “homem de arquivo” e assim permaneceria — um agente de rua cujo trabalho era descobrir quem vendia, quem fornecia e quem deveria ir preso. Carregava grande quantidade de drogas com ele e tinha permissão de vender para ganhar a confiança das pessoas que mais tarde incriminaria.

Muitos agentes nessa posição se injetavam heroína com seus clientes para “provar” que não eram policiais. Não sabemos se Jimmy usava heroína ou não, mas sabemos que ele não tinha pena dos dependentes: “Nunca conheci uma vítima”, disse ele. “Eles se vitimizam ao se tornarem drogados.”